

Ser professora de Ciências Naturais: motivações e desafios analisados pela perspectiva de gênero

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2026.24.2.12216>

Cássia Gonçalves de Souza¹, Jeane Cristina Gomes Rotta²

Resumo: Mulheres são minoria em cursos de exatas em âmbito mundial, mas naqueles relacionados ao cuidado, como cursos na área de Saúde e Pedagogia, são maioria quando comparada à quantidade de homens. Diante desse panorama, este estudo buscou compreender os fatores que influenciaram as professoras de Ciências Naturais a escolherem essa carreira, bem como investigar as suas principais dificuldades durante a formação acadêmica. Participaram desta pesquisa de natureza qualitativa, 11 professoras de Ciências que atuam nos anos finais do ensino fundamental e no mesmo curso de licenciatura em Ciências Naturais de uma universidade pública federal. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas de maneira *on-line* e os dados analisados pela metodologia de Análise Textual Discursiva, sendo identificadas quatro categorias iniciais emergentes: 1. “Autoimagem e percepções”; 2. “Escolha do curso”; 3. “Experiências Acadêmicas: Acolhimento, aprendizado e discriminação”; e, 4. “Professora e Mulher cientista”. Os resultados demonstraram que a escolha pela docência, assim como a permanência nesse curso, esteve associada a diferentes fatores, entre eles aspectos afetivos, sociais, econômicos e históricos. Apesar de algumas professoras não terem a docência como primeira escolha, foram influenciadas a permanecerem no curso devido ao ambiente universitário acolhedor, fato que ressignificou a identidade profissional delas. No entanto, houve denúncias de episódios misóginos e machistas em algumas disciplinas que cursaram, evidenciando a importância de políticas e ações educativas de enfrentamento ao sexismo. Estas docentes relataram que, a partir de suas formações acadêmicas e vivências escolares, sentem-se professoras e cientistas capazes de produzir conhecimento em contextos diversos, especialmente na escola.

Palavras-chaves: mulheres cientistas, professores de ciências, formação de professores.

Being a Natural Sciences teacher: motivations and challenges analyzed from a gender perspective

Abstract: Women are a minority in STEM fields worldwide, but in those related to care, such as Health and Education, they are a majority compared to men. Given this scenario, this study sought to understand the factors that influenced female Science teachers to choose this career, as well as to investigate their main difficulties during their academic training. Eleven female Science teachers working in the final years of elementary school, all graduates of the same Natural Sciences degree program at a federal public university, participated in this qualitative research. Semi-structured interviews were conducted online, and the data were analyzed using Discursive Textual Analysis methodology, identifying four initial emerging categories: 1. “Self-image and perceptions”; 2. “Choice of course”; 3. “Academic experiences: Acceptance, learning, and

¹ Licencianda em Ciências Naturais e mestrado em Educação em Ciências pela Universidade de Brasília (UnB). Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-0277-053X>. Email: professora.cassiags@gmail.com.

² Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP), docente Associada da Universidade de Brasília (UnB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1776-5398>. Email: jeanerotta@gmail.com.

discrimination”; and, 4. “Teacher and woman scientist”. The results demonstrated that the choice of teaching, as well as remaining in the course, was associated with different factors, including affective, social, economic, and historical aspects. Although some teachers did not have teaching as their first choice, they were influenced to remain in the course due to the welcoming university environment, a fact that redefined their professional identity. However, there were reports of misogynistic and sexist episodes in some of the subjects they taught, highlighting the importance of educational policies and actions to combat sexism. These teachers reported that, based on their academic backgrounds and school experiences, they feel like teachers and scientists capable of producing knowledge in diverse contexts, especially in school.

Keywords: women scientists, science teachers, teacher formation.

Introdução

Historicamente, houve uma assimetria de gênero quanto ao ingresso de mulheres nas universidades públicas brasileiras. No entanto, atualmente, esse registro alterou-se e observa-se que o número de homens é ligeiramente menor (Rotta; Batista, 2021). Entretanto, em cursos de Ciências Exatas e Engenharias as mulheres têm pouca representatividade, aspecto observado também em âmbito internacional (Oliveira; Cavallari, 2023). Em contrapartida, cursos como o de Pedagogia tem um percentual superior a 80% de mulheres ingressantes (Rotta; Batista, 2021).

A explicação desse fenômeno é baseada no fato de que carreiras nas áreas de Exatas não são adequadas para as mulheres, que estariam mais aptas aos trabalhos de cuidados, além de possuírem uma menor capacidade de sistematizar conhecimentos. Aspectos como esses foram justificados em argumentos biológicos sexistas e perpetuados ao longo dos tempos (Cantal; Pantoja, 2019).

No entanto, há outras licenciaturas nas quais a representatividade de mulheres não é tão expressiva como na Pedagogia, conforme notado em alguns cursos que formam professores de Matemática (Casagrande; Souza, 2016; Assis, 2020) e de Física (Carvalho; Silva; Rodrigues, 2020). Dessa maneira, é preciso também considerar que existem diversos condicionantes, além de gênero, que podem influenciar a escolha de cursos de graduação e permanência das mulheres nas universidades. Além da interseccionalidade entre gênero e ciência, também é preocupante a intersecção entre raça e classe, que podem limitar as escolhas de uma profissão (Casagrande; Souza, 2016).

Portanto, enquanto a docência consolidou-se como uma profissão mais adequada às mulheres, a ciência permaneceu predominantemente masculina. Assim, neste trabalho

buscamos compreender como a feminização do magistério e a sub-representação das mulheres nas Ciências inter cruzam-se em um curso de licenciatura em Ciências Naturais. Nesse contexto, questionamos o que tem motivado e orientado as mulheres a se formarem como professoras de Ciências Naturais?

Nesse âmbito, este trabalho é um recorte de uma dissertação de mestrado, cujo objetivo foi compreender, utilizando gênero como categoria de análise crítica, as motivações e os desafios que influenciaram a escolha de mulheres pela carreira docente em Ciências Naturais e suas vivências acadêmicas. A metodologia foi quantitativa e as participantes foram professoras de Ciências que atuam nos anos finais do ensino fundamental e egressas de um curso de Ciências Naturais da Universidade de Brasília.

Referencial Teórico

A ausência representativa de mulheres nas Ciências possui embasamento em contextos históricos e culturais, posto que essa não é neutra e exclui de sua produção as minorias (Keller, 1991). Além disso, inferiorizaram capacidades científicas de muitas mulheres e, em outros casos, suas contribuições foram minimizadas ou atribuídas aos homens (Rotta, Batista, 2021). Assim, áreas científicas relacionadas à Engenharia, Computação e Matemática permanecem predominantemente como atuação dos homens. Enquanto, para a mulher, áreas associadas ao cuidado, como o ensino básico, foram consideradas mais adequadas ao seu perfil (Candido; Felix, 2023).

Da mesma forma, a escolha pela docência entre as mulheres não pode ser dissociada das relações de classe e de gênero. Portanto, a feminização do magistério, enquanto fenômeno social, refletiu a dinâmica do mercado de trabalho e a configuração das chamadas "profissões femininas", caracterizadas por menor prestígio e remuneração. No entanto, consideradas adequadas ao papel tradicionalmente atribuído às mulheres, reforçando estereótipos de gênero que associam o ensino ao cuidado e à maternidade.

Esse cenário evidencia a necessidade de uma análise que incorpore a perspectiva de gênero para compreender as desigualdades estruturais que ainda marcam a profissão docente, como à estratificação da carreira e o rebaixamento salarial, elementos que continuam a influenciar a escolha pela docência no Brasil (Vianna, 2013). Esse processo, conforme a autora, continua a afetar a imagem da docência, especialmente nos estágios mais básicos de ensino, como a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, nos quais predomina a maioria de mulheres

Embora ocorra um expressivo ingresso de mulheres nos cursos de licenciatura, essa realidade é diversa naqueles que formam professores de Computação e Física. Isso ocorre frequentemente, devido às barreiras adicionais relacionadas à discriminação de gênero e à percepção da ciência exatas como um campo exclusivamente masculino (Nunes; Oliveira; Maia, 2020).

Portanto, fatores sociais e pessoais irão refletir dinâmicas educacionais e culturais do contexto em que o indivíduo está inserido. Assim, a escolha profissional pelas Ciências Naturais é frequentemente influenciada por contextos relacionados ao interesse pelo conhecimento epistemofílicas³, ou seja, interesse pelo conhecimento e às interações sociais (Massi; Agostini; Silva; 2022). Nesse contexto, as disposições interpessoais estão ligadas à escolha docente, pois a profissão envolve estabelecer relações com outras pessoas. Enquanto as disposições epistemofílicas, que remetem ao gosto pelo saber, envolvem o interesse pela disciplina ensinada e a possibilidade dar continuidade ao aprendizado.

No entanto, há uma escassez de pesquisas focadas em compreender como os professores de Ciências identificam-se com a profissão docente, quais fatores os motivam a ingressar e permanecer nessa carreira, e quais estratégias têm sido implementadas para aumentar a atratividade da docência (Rotta; Silva; Pedreira, 2023). Vale lembrar que o curso de Ciências Naturais da Universidade de Brasília encontra-se entre os que possuem as mais altas taxas de evasão na Universidade (Casimiro, 2020). Entre os fatores apontados pelo autor para os estudantes evadirem estão: o interesse em cursar outra graduação, não conseguir conciliar trabalho com as atividades acadêmicas, obstáculos econômicos e altas exigências nas disciplinas.

Metodologia

Esta pesquisa teve uma abordagem qualitativa (Lüdke; André, 2018) e 11 professoras de Ciências, licenciadas em um curso de Ciências Naturais da Faculdade UnB-Planaltina (FUP), atuantes como docentes, participaram da pesquisa. Elas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e para preservar suas identidades e garantir o sigilo ético, foi utilizado um sistema de codificação que será melhor explicitado posteriormente.

³ Conforme, Massi, Agostini, Silva (2022) as disposições epistemofílicas são as relacionadas ao interesse pelo conhecimento

Para a obtenção dos dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas compostas por 12 questões orientadoras (Lüdke; André, 2018), realizadas pela plataforma *Teams*, que possibilita a gravação e realiza a transcrição das entrevistas. A análise dos dados recorreu ao método da Análise Textual Discursiva (Moraes; Galiuzzi, 2020), que consiste nos processos de desmontagem dos textos ou unitarização dos dados, categorização e produção de metatexto.

A codificação utilizou a estruturada no formato "USXYY" onde: "US" indica o caráter universal das perguntas aplicadas, ou seja, a Unidade de Significado; "X" corresponde ao número da pergunta; e "YY" representa as iniciais codificadas de cada participante. Por exemplo, o código "US1EU" refere-se à resposta da primeira pergunta de uma entrevistada identificada pelas iniciais "EU".

Após a codificação inicial, os trechos significativos das entrevistas foram destacados e associados por similaridade, resultando em temas. Esses foram agrupados em categorias quatro iniciais: 1. “Autoimagem e percepções”; 2. “Escolha do curso”; 3. “Experiências Acadêmicas: Acolhimento, aprendizado e discriminação”; e, 4. “Mulher e professora cientista”.

Resultados e Discussão

Autoimagem e percepções

A análise permitiu identificar que as percepções de autoimagem envolvem as relações de gênero, que frequentemente associam competência ao masculino, como apontado por Louro (2014). Dessa forma, a maioria das professoras não se percebiam como inteligentes, mas sim como “esforçadas”, enquanto estudantes da educação básica ou superior. Aspecto destacado em falas que declaravam “Porque eu tinha vontade. Eu era determinada, esforçada.” (US1CE). Mesmo aquelas que relataram ter bom rendimento em Matemática acreditavam que “Eu tinha facilidade em acompanhar os conteúdos, em ser mais proativa e fazer tudo sozinha. Mas eu não me considerava inteligente.” (US1PR). Ainda outra relatou que “Não. Achei que estava ali na média. Nunca tive as notas mais altas, exceto em matemática.” (US1IA). Essa percepção pode estar relacionada ao fato das mulheres estarem sujeitas a normas de modéstia mais rigorosas do que os homens, assimilando a ideia de que a inteligência é uma qualidade masculina (Bian; Leslie; Cimpian, 2017).

Nesse contexto, duas docentes reconheceram ser inteligentes, sendo que uma afirmou que “Sim, eu me considerava.” (US1IE), enquanto outra ponderou que “Nossa,

um prodígio, porque eu nunca nem estudava.” (US1SA). Já uma das professoras acrescentou que “[...] na época não me considerava, mas hoje, olhando pra trás, talvez. Eu diria que sim.” (US1DO). Conforme pesquisa realizada por Bian, Leslie, Cimpian (2017), para as meninas, ter melhores notas escolares não estaria relacionado com genialidade. Foi evidenciado que a partir dos 6 anos de idade, as crianças começam a identificar os meninos como sendo mais inteligentes, sendo que as meninas são mais propensas a se perceberem como menos inteligentes.

As noções de gênero sobre as habilidades intelectuais são internalizadas precocemente e podem influenciar interesses e futuras escolhas profissionais (Bian; Leslie; Cimpian, 2017). Dessa forma, notamos que, apesar de algumas das professoras serem reconhecidas como inteligentes, isso não se refletia em sua autopercepção.

Ainda nesse âmbito, mesmo quando recebiam elogios dos familiares ou dos professores da escola, algumas das professoras participantes desta pesquisa afirmaram que ainda não acreditavam em seu potencial. Um dos relatos expressa o sentimento: “Eles me falavam. Que eu era muito esperta, muito inteligente.” (US2CE).

Essa observação corroborou com outros estudos analíticos do papel da família, e de professores, na perpetuação das disparidades de gênero na Ciência. Para Tenenbaum e Leaper (2007) as crenças das mães e pais sobre o interesse e a capacidade científica de seus filhos e filhas adolescentes tendiam a ter expectativas estereotipadas sobre o interesse pela Ciência. Sugerindo, assim, que as interações parentais podem contribuir para futuras desigualdades de gênero neste campo.

A Escolha do Curso

O curso de licenciatura em Ciências Naturais não foi a primeira opção de nove das docentes participantes. Somente duas relataram que a docência era vista como uma escolha profissional, sendo que uma delas relatou que “Eu sempre quis ser professora... E aí eu entrei no ensino médio e eu tive, assim, as maiores referências de professor bom que eu tive era de Ciências, assim, Física, Biologia, Química [...]” (US5DO).

Apesar disso, dentre os aspectos destacados pelas professoras, o de maior influência para ingresso no curso foi a proximidade com a residência: “Eu morava aqui perto e via a faculdade e tinha um sonho de fazer um curso.” (US5LU). O segundo fator mais relevante foi o de menor concorrência para ingresso, “Porque, querendo ou não, era um dos cursos mais acessíveis. E como eu sempre gostei de ciências, da natureza [...]” (US5IE). Além do fato de, conforme afirmou a docente, “Minha prima... ficava sempre

falando muito bem do curso.” (US5SA), ou seja, havia um parente ou conhecido recomendando o curso. De acordo com esses relatos, foi percebido que foram vários os fatores que conduziram para a carreira docente.

Branco e Oliveira (2022) indicam que a escolha por um curso de licenciatura é motivada por uma intersecção entre necessidades pragmáticas e aspirações subjetivas, variando conforme o perfil socioeconômico e as oportunidades disponíveis aos estudantes. Entretanto, nem sempre a opção pela licenciatura ocorre exclusivamente por vocação ou identificação com a docência. Fatores como a proximidade da instituição de ensino, a possibilidade de conciliar trabalho e estudo, a gratuidade da universidade pública, as chances de aprovação no processo seletivo e a disponibilidade limitada de cursos também podem orientar essa decisão

Uma pesquisa indicou que o curso de Ciências Naturais da Universidade de Brasília, no *campus* de Planaltina, é uma opção para estudantes devido à baixa concorrência no vestibular e a proximidade de suas residências (Casimiro, 2020). Entretanto, o autor alerta que a maioria dos estudantes evadidos não tinham este curso como primeira opção. Assim, ingressaram nele com a intenção de, posteriormente, migrar para outro de maior prestígio social.

Diante desse panorama, um dos fatores para a não escolha pela docência como primeira opção profissional das participantes desta pesquisa foi que “Os professores não têm reconhecimento.” (US5AM). Assim, a desvalorização social da profissão, a baixa remuneração e o desinteresse/desrespeito dos alunos são mencionados como fatores externos que as pessoas a fazerem uma escolha pela docência (Tartuce; Nunes; Almeida, 2010). Além disso, Massi, Agostini e Silva (2022) apontam que o reconhecimento profissional não se limita à escolha inicial, mas estende-se também para a permanência nessa profissão.

Outro aspecto apresentado nos relatos das participantes para a não escolha deste curso foi o desconhecimento do perfil de atuação do/a docente formado, conforme destacado por uma das docentes: “Na graduação, eu, quando eu entrei no curso, eu não tinha muita ideia de como seria?” (US7LU). No entanto, foi unânime a colocação das professoras que, ao longo da formação identificaram-se pelo curso, “Aí fui me encantando, fui me encantando, falei você, professora de Ciência. O curso que me escolheu.” (US7MA). A permanência dos alunos no curso de licenciatura pode ser influenciada por uma combinação de fatores como os institucionais, pessoais e de suporte

financeiro, bem como o sentimento de pertencimento em relação ao curso (Branco; Oliveira, 2022).

Nesse contexto, destacamos que as licenciaturas plenas em Ciências Naturais começaram a surgir no final do século XXI e ainda buscam reconhecimento e fortalecimento identitários. Um dos motivos é que, após 20 anos, a formação ainda não possui Diretrizes Curriculares Nacionais específicas (Caixeta, Rotta; Silva, 2022).

Experiências acadêmicas: Acolhimento, aprendizado e discriminação

De acordo com o olhar das professoras, suas experiências acadêmicas vivenciadas na FUP foram variadas e contribuíram positivamente para a sua formação profissional. Para elas, a “FUP é uma mãe e que realmente acolhe muito bem. Eu sempre me senti muito acolhida pela parte dos professores, pela parte da direção.” (US11SA). Também foi destacada “A compreensão dos professores em relação ao contexto social dos alunos.” (US11IA). Esse aspecto, que também foi enfatizado na categoria anterior, foi determinante para a permanência destas docentes no curso.

Assim, também foi evidenciado que “O acesso aos professores na FUP sempre foi muito tranquilo. Podíamos tirar dúvidas a qualquer momento, até passando pela porta da sala deles.” (US11PR). Além disso, as docentes consideram que “A formação que recebi na FUP foi muito boa, principalmente no que diz respeito ao planejamento de aulas e atividades diferenciadas. Essa base foi essencial para minha prática como professora.” (US11EA).

Sete das participantes destacaram que muitas das experiências positivas durante a graduação vieram de projetos da FUP, que também contribuíram muito para a formação. Nesse contexto, quatro docentes salientaram a importância de terem participado de projetos de extensão, posto que “[...] o projeto que a gente participou, foi um dos melhores. Com escolas com experimentos, então nisso tive mais facilidade quando entrei em sala de aula, isso ajudou bastante.” (US11KE). Ainda nesse sentido, duas docentes enfatizaram que as atividades extensionistas foram importantes durante a pandemia, posto “[...] que a participação em um projeto de extensão foi fundamental para compensar as lacunas formativas.” (US11AM).

A extensão universitária é vista como um espaço formativo privilegiado de integração da universidade com a comunidade, onde a atuação é frequentemente interdisciplinar devido à pluralidade das demandas da realidade, que impulsiona o rompimento de fronteiras entre saberes. Atividades extensionistas contribuem para a

formação mais integrada e holística dos licenciandos, ampliando sua visão sobre a possibilidade de integrar áreas do conhecimento para resolver problemas (Caixeta; Rotta; Silva, 2022).

Apesar do corpo docente da FUP ter sido destacado como acolhedor, houve relatos destacando a prática docente de alguns dos professores formadores como não condizente com uma licenciatura, lecionando como se fossem formar bacharéis. Ou seja, “Normalmente eles pensam que a gente indo para a Pesquisa, que você vai virar um biólogo, você virar um físico, um químico, um matemático [...]” (US6AM).

Outro ponto em comum na narrativa das docentes relaciona-se ao início do curso, conforme o relato da docente que afirmou “[...] eu tive com dificuldades ali no início eu fiquei chateada, porque não estava conseguindo acompanhar porque quando já chega na universidade, parece que você já não tem nenhum conhecimento ou uma base ali um pouco sólida.” (US11KE). Nesse âmbito, muitas apresentaram dificuldades nas disciplinas de Exatas e uma docente relatou que “Tive dificuldades nas matérias de física e isso atrasou o meu fluxo.” (US11EU). Já outra apontou que “Fui explicar à professora de Química que estava com dificuldades e o que eu poderia fazer, se ela poderia me ajudar e ela respondeu que era para eu verificar o prazo de trancamento.” (US11LU).

As dificuldades em determinadas disciplinas deste curso, como as de Cálculo, Física e Química, foram um dos pontos que levaram os estudantes a evadirem (Casimiro, 2020). Essa dificuldade pode ser acentuada pela formação inadequada no ensino médio e pode levar ao abandono, especialmente no início do curso (Rocha et al., 2024).

Nesse contexto, apesar de todas as participantes docentes evidenciarem o aspecto acolhedor da FUP, duas professoras vivenciaram situações de discriminação e preconceito de gênero, sendo que “Um professor fez comentários misóginos, criando um ambiente hostil para mulheres na disciplina.” (US9SA). Nesse caso, infelizmente, as instâncias superiores da FUP, mesmo tendo conhecimento do fato, orientaram para que não fosse dado prosseguimento à denúncia. Apesar disso, a comunidade acadêmica conhecia o acontecimento, conforme destacou uma docente sobre o professor “[...] ele era bem machista e todas as outras coisas ruins que ele poderia ser.” (US10AM). Carvalho (2021) destaca que os ambientes acadêmicos podem ser hostis, com um “clima frio” ou “hostil”, ausência de empatia e receptividade.

Essas experiências misóginas reforçam a necessidade de instituições implementarem políticas mais contundentes para promover equidade e inclusão. Uma das possibilidades seriam posicionamentos e práticas mais contundentes das instâncias

institucionais com punições severas para discriminação, reduzindo assim falas e experiências preconceituosas no dia a dia. Barreiras sexistas, como preconceitos, discriminações e assédio, são frequentemente invisibilizadas e naturalizadas na cultura acadêmica. O mal-estar causado por estas situações nem sempre é visto como decorrente da injustiça de gênero (Carvalho, 2021).

Mulher e professora cientista

A influência da graduação na percepção da mulher cientista foi recorrente na fala das professoras, destacando que “A FUP primeiro contribuiu para a minha visão do que é a Ciência, do que é a mulher cientista, onde ela pode estar, o que ela faz” (US13MA). Outra docente salientou que “Se essa pergunta fosse feita ali no meu quinto quarto semestre, eu poderia dizer também ainda que uma mulher cientista é uma mulher que usa jaleco, está no laboratório, está fazendo mestrado, doutorado, e essa é a cientista, não é?” (US11AM). Portanto, o curso de licenciatura em Ciências Naturais teve importantes contribuições para desmistificar a ideia de quem é uma cientista, posto que para uma professora, antes “Cientistas usavam jalecos e ficavam em laboratórios.” (US10LU). Já para outra docente, na FUP “temos projetos de extensão e disciplinas de mulheres nas ciências que ajudam nessa discussão.” (US12MA).

Schiebinger (2008) discute a importância de desconstruir estereótipos que associam Ciência e masculinidade, promovendo espaços inclusivos. Assim, o relato da professora destacou que: “a figura do cientista é mais associada ao masculino, isso afasta a ideia de mulheres na Ciência” (US10EU). A docente também ressaltou que “[...] a ampliação da representatividade é fundamental para promover um ambiente mais igualitário e inovador.” (US10IS). Além disso, as falas das docentes pontuaram que a mulher cientista busca no cotidiano resolver problemas e, também, trazer conhecimentos úteis para a vida dos seus estudantes.

A percepção de cientista e professora estiveram entrelaçadas nas abordagens destacadas pelas docentes, sendo que “Eu acho que uma mulher cientista é aquela que está principalmente ali, tentando passar o seu conhecimento de alguma forma para os seus alunos.” (US11EU). Assim, como na fala que destacou a cientista não como a pessoa que “[...] só faz experimentos. Ela tenta passar conhecimento científico para as pessoas...eu acho que é a primeira missão ali da, do cientista, é transmitir esse conhecimento de alguma forma.” (US11DO). Nesse contexto, algumas das docentes se veem em um processo em que “Eu me considero como professora que está tentando também ser

cientista, uma construção do eu cientista. Como fazer isso? Estou aprendendo (US12PR). Essa percepção também está na fala da docente que relata “Cada um tem uma perspectiva diferente, mas, eu acredito que eu estou me tornando essa professora, essa mulher cientista.” (US12MA).

As professoras relatam que se percebem assim, pois compreendem que, como professoras, também fazem pesquisa, ou seja, “A gente tem que estar fazendo pesquisa mesmo, pois determinados alunos, aprendem dessa forma, essa turma é melhor com outra metodologia. A gente tá o tempo todo fazendo isso.” (US12KE). Já outra definiu: “Uma mulher cientista é, antes de tudo, uma professora que transmite conhecimento de forma transformadora.” (US12MA).

Por fim, é importante ressaltar a relevância de políticas públicas e ações institucionais que promovam a equidade de gênero na Educação e na Ciência. Conforme Schiebinger (2008), a inclusão de mulheres em espaços científicos não apenas amplia as perspectivas epistemológicas, mas também contribui para a justiça social e o desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, as trajetórias das entrevistadas reafirmam a necessidade de uma abordagem sistêmica para enfrentar os desafios de gênero e fortalecer o papel das mulheres nas Ciências Naturais e na sociedade.

Considerações finais

Com base em gênero como categoria de análise, esta pesquisa identificou que a escolha pela docência está associada a fatores que influenciam o ingresso e a permanência no curso de licenciatura. Predominaram aspectos pragmáticos, tais como a proximidade geográfica da instituição e a baixa concorrência no vestibular. Além disso, nota-se a ausência de identificação inicial com a docência, vista como carreira desvalorizada social e financeiramente. No entanto, posteriormente, fatores como acolhimento, vivência em projetos extensionistas, contato com práticas pedagógicas inovadoras e a interdisciplinaridade influenciaram na permanência no curso.

As trajetórias de mulheres licenciadas em Ciências Naturais foram marcadas por dinâmicas de gênero que impactaram a sua autoimagem e autoconfiança. Apesar da excelência acadêmica demonstrada pelas participantes, a maioria não se percebia como inteligente durante a formação básica, associando seu sucesso ao esforço. A internalização precoce desse enfoque preconceituoso reflete-se na subvalorização das próprias capacidades, mesmo diante de reconhecimento externo por familiares e professores.

Quanto à identidade científica, as participantes desconstruíram visões estereotipadas do cientista (homem, jaleco, laboratório), ressignificando a ciência como prática social e educativa. Para elas, ser "mulher cientista" significa ser uma pessoa capaz de produzir conhecimento em contextos diversos, especialmente na escola. Destacando também que é preciso romper com hierarquias epistemológicas que separam pesquisa acadêmica e docência, além da necessidade de enfrentarem barreiras de gênero para legitimar seu lugar na Ciência.

Estudos posteriores poderiam avançar em uma abordagem interseccional para entender as barreiras enfrentadas por mulheres na Ciência, especialmente aquelas que sofrem opressões múltiplas, como mulheres negras, indígenas e LGBTQIA+. Posto que as estruturas acadêmicas, com base em valores patriarcais, ainda dificultam a ascensão destas mulheres, que enfrentam desafios invisibilizados nos debates tradicionais sobre gênero.

Referências

ASSIS, E. S. As relações de gênero na licenciatura em matemática. **Revista Binacional Brasil-Argentina: diálogo entre as ciências**, v. 9, n. 1, p. 54-80, 2020.

BIAN, L.; LESLIE, S. J.; CIMPIAN, A. Gender stereotypes about intellectual ability emerge early and influence children's interests. **Science**, v. 355, n. 6323, p. 389-391, 2017.

BRANCO, Alessandra Batista de Godoi; OLIVEIRA, Andre Luis de. Motivos para ingresso, permanência e evasão na Licenciatura em Química. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 39, p. 94-116, 2022.

CANDIDO; M. R.; FELIX, M. **Desigualdades de gênero na ciência brasileira**. Gênero e Número, 2023. Disponível em: <https://www.generonumero.media/artigos/desigualdades-genero-ciencia-brasileira/>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CANTAL, A.; PANTOJA, G. Mulheres no curso de Licenciatura Integrada em Matemática e Física da Universidade Federal do Oeste do Pará: Mapeando trajetórias sob a perspectiva de gênero. **Revista Científica Gênero na Amazônia**, v. 15, p. 120-132, 2019.

CARVALHO, M. E. P. Mulheres na Física: experiências de docentes e discentes na educação superior. **Cadernos Pagu**, n. 62, e216214, p. 1-12, 2021.

- CARVALHO, S. M.; SILVA, C. A.; RODRIGUES, J. O. F. Análise da presença feminina no curso de licenciatura em Física da UFT. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 13, n. 42, p. 126-135, 2020.
- CAIXETA, J. E.; ROTTA J. C. G.; SILVA D. M. S. Interdisciplinaridade na formação de professores de Ciências Naturais: o caso da Faculdade UNB Planaltina. **Educação Unisinos**, v. 26, p. 1-17, 2022.
- CASAGRANDE, L. S.; SOUZA, Â. M. F. D. L. E. Para além do gênero: mulheres e homens em engenharias e licenciaturas. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 3, p. 825-850, 2016.
- CASIMIRO, A. R. C. **A evasão universitária na UnB**: uma pesquisa nos cursos de Licenciatura em Ciências Naturais diurno e noturno da Faculdade UnB de Planaltina – FUP no período de 2013 a 2017. Dissertação de Mestrado em Educação Modalidade Profissional, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- LOCH, R. M. B.; TORRES, K. B. V.; COSTA, C. R. Mulher, esposa e mãe na ciência e tecnologia. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 1, p. e61470, 2021.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 16ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- MASSI, L.; AGOSTINI, G.; SILVA, R. V. Escolha, formação e atuação de professores de ciências explicadas pela predominância de disposições interpessoais e de interesse pelo conhecimento. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 21, n. 2, 196-218, 2022.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**, Ijuí: Unijuí, 2020.
- NUNES, D. F.; OLIVEIRA, F. P. E.; MAIA, M. F. G. Relações de gênero, renda e trabalho em microdados sobre formação inicial de professores/as no Brasil: uma análise multivariada. **Educação UFSM**, v. 45, p. 1-27, 2020.
- OLIVEIRA, D. A. D.; CAVALARI, M. F. Barreiras e suportes na carreira acadêmica em matemática: Uma questão de gênero? **Cadernos de Pesquisa**, v. 53, e10244, p. 1-20, 2023.
- ROCHA, S. F.; NINA, M. M.; Gomes, Coelho, E. G.; Costa, R. D. S. O impacto da pandemia no ensino-aprendizagem em um curso de licenciatura dupla em Biologia e Química. *Revista de Educação, Ciências e Matemática*, v. 14, n. 1, p. 1-19, 2024.
- ROTTA, J. C. G.; BATISTA, C. R. G. Mulheres nas ciências e a formação de professores: o ingresso na Universidade de Brasília e a progressão na carreira acadêmica. *Revista Internacional de Formação de Professores*, v. 6, p. 1-19, e021021, p. 2021.
- ROTTA, J. C. G.; SILVA, D. M. S.; PEDREIRA, A. J. Vocaç o ou of cio? A constitui o da identidade docente na forma o de professores de Ci ncias e a contribui o do PIBID. *Educa o e Filosofia*, v. 37, n. 80, p. 795-824, 2023.

SCHIEBINGER, L. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, p. 269–281, 2008.

TARTUCE, G. L. B., NUNES, M. M.; DE ALMEIDA, P. C. A. Alunos do ensino médio e atratividade da carreira docente no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n. 140, p. 445- 477, 2010.

TENENBAUM, H. R.; LEAPER, C. Parent-child conversations about science: The socialization of gender inequities? *Developmental Psychology*, v. 39, n. 1, p. 34-47, 2003.

VIANNA, C. P. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. Yannoulas, S. C. (Org.). *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Abaré, 2013.

Submissão: 27/05/2026. **Aprovação:** 03/07/2026. **Publicação:** 31/08/2026.